

ÁRVORES, FAMÍLIAS, RUAS, RIOS, FLORESTAS E PRAÇAS NO MUSEU DE LÍNGUA PORTUGUESA: ENTRELAÇAMENTOS EPISTEMOLÓGICOS

TREES, FAMILIES, STREETS, RIVERS, FORESTS AND PUBLIC SQUARES IN THE MUSEUM OF PORTUGUESE LANGUAGE: EPISTEMOLOGICAL ENTANGLEMENTS

Souzana Mizan¹, Daniel de Mello Ferraz²

¹ Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), Guarulhos, SP, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8818-5403>

souzana.mizan@unifesp.br

² Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP, Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-8483-2423>

danielfe@usp.br

Recebido em 03 mar. 2023

Aceito em 14 abr. 2023

Resumo: Inspirados em nossos estudos sobre os letramentos visuais, a pergunta que buscamos responder neste texto é: quais imagens ou ideias da nação emergem a partir da exposição sobre a língua portuguesa e as línguas indígenas do Museu da Língua Portuguesa (MLP)? Para responde-la, desenvolvemos cinco seções: a primeira, descreve, valoriza e destaca a linguagem inclusiva e a acessibilidade de corpos no espaço do museu. Na segunda e terceira seções, com foco epistemológico, discutimos a exposição permanente, propondo um passeio pelas ruas, praças e becos do museu e suas instalações em forma de árvores, famílias e raízes etimológicas. A quarta parte do texto focaliza a exposição temporária “Nhe’ë Porã: Memória e Transformação” em que discutimos perspectivas sobre a língua portuguesa a partir das epistemes dos povos indígenas e quilombolas. A quinta seção propõe um movimento autocrítico e discute uma prática pedagógica e cultural, com base na educação linguística em língua inglesa, realizada no MLP com nossos alunos da Universidade de São Paulo em 2022.

Palavras-Chave: Letramentos visuais. Ideologias linguísticas. Educação linguística. Museu da Língua Portuguesa.

Abstract: Inspired by our studies on visual literacies, the question we seek to answer in this text is: what images or ideas of the nation emerge from the exhibitions of the Portuguese and indigenous languages exposed at the *Museu da Língua Portuguesa (MLP)*? In order to answer this question, we designed five sections: the first one describes, appraises and highlights the inclusive language and accessibility of bodies in the space of the museum. In the second and third sections, we place a focus on language epistemologies by discussing the permanent exhibition, with its streets, squares and alleys installations in the form of trees, families and etymological roots. The fourth part of the text focuses on the temporary exhibition “*Nhe’ë Porã: Memória e Transformação*” in which we discuss perspectives on the Portuguese language from the epistemes of indigenous peoples and quilombolas. The fifth section proposes a self-critical movement and problematizes a pedagogical and cultural practice, based on language education, which was carried out along with our students from the University of São Paulo in 2022.

Keywords: Visual literacies. Language ideologies. Language education. Museu da Língua Portuguesa.

INTRODUÇÃO

Visitar o Museu de Língua Portuguesa (São Paulo, 2006) é apreciar uma das raras exposições sobre língua/gem no mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar no corpo as diferentes epistemologias, perspectivas e olhares sobre este universo que habitamos: das linguagens. O museu foi inaugurado em São Paulo em 2006 na Estação de Luz, que representa o lugar onde chegavam imigrantes do mundo inteiro com suas línguas e linguagens na cidade onde, hoje em dia, habita o maior número de falantes de português¹. O museu, infelizmente, foi destruído por um incêndio em 2015 e, depois de sua reconstrução, foi reaberto ao público em 2021.

Tornar a língua objeto de um museu e, assim, criar um arquivo sobre a Língua Portuguesa envolve transformar a cultura imaterial em material: o museu como bem da cultura material cria um acervo, um inventário da cultura imaterial, que é a língua. Perguntas emergem neste contexto: “Como se faz para musealizar a língua? O que essa prática nos diz em termos de política linguística?” (CERVO, 2013, p. 175). O arquivo criado pelo museu representa um lugar de memória (NORA, 1997), na forma de um “conjunto de objetos simbólicos que significam pelos conteúdos imaginários daquilo que guardam e que, tão somente, ressignificam enunciados já ditos, a partir de uma interpretação do passado que encaminha para o presente e para o futuro” (CERVO, 2013, p. 175) e, ao mesmo tempo, um lugar de “pós memória” (MATTOS; CAETANO, 2019) ou “as influências da memória em nossa identidade e como ela pode moldar nossa vida e nossos modos de ver e de estar no mundo, tanto quanto como nos posicionamos e nos articulamos, ou entendemos nosso lugar e papel na sociedade” (p. 178), especialmente neste contexto vivenciado por nós linguistas aplicados.

Para Zoppi-Fontana (2005) “todo arquivo responde a estratégias institucionais de organização e conservação de documentos e acervos, e através delas, de gestão de memória de uma sociedade” (p. 97). Ou, em outras palavras, o arquivo é resultado de uma interpretação e sujeito à interpretação (CERVO, 2013). Epistemologicamente falando, as/os curadoras/es de museus selecionam os itens que são exibidos a partir de uma formação discursiva sobre o que é arquivo em cada campo de conhecimento

¹ <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>

e as maneiras que o arquivo deve ser disponibilizado.

No caso do Museu de Língua Portuguesa (MLP), a organização de uma língua colonizadora ou nas palavras do ativista indígena Ailton Krenak; uma língua “comilona”², falada em pelo menos 4 continentes, que levou ao linguicídio e, conseqüente, epistemicídio de muitas das línguas com as quais entrou em contato historicamente, traz a língua no museu usando a linguagem de museu. A musealização da língua portuguesa, a “seleção, organização e ressignificação de valores atribuídos a objetos simbólicos tirados de seus contextos de origem para o contexto de um museu” (CERVO, 2013, p. 177), é frequentemente permeada pelas Epistemologias do Norte Global e da Linguística Estruturalista em diálogo com as Epistemologias do Sul Global e da Linguística Aplicada Crítica. A partir desses entrelaçamentos, fazemos uma leitura das estéticas e políticas do Museu de Língua Portuguesa a partir das imagens de árvores, famílias, ruas, rios, florestas e praças que articulam epistemologias e partilhas do sensível dentro do espaço do museu.

O museu, como coleção de artefatos que induz a nossa memória e contribui com processos de pós-memória, exige a racionalização do objeto de estudo, sua objetivação e exposição de forma linear (o nosso trajeto recomendado dentro do museu). Um museu de língua poderia, portanto, trazer exposição de livros prestigiados dentro da sociedade como a materialização mais valorizada da língua que está em processo de musealização. Porém, o Museu de Língua Portuguesa não traz nenhum livro físico. Nesse sentido, nossa interpretação dá as mãos a Benjamin (1987) quando o autor critica a reprodutibilidade técnica:

Em sua essência, a obra de arte sempre foi reprodutível. O que os homens faziam sempre podia ser imitado por outros homens. Essa imitação era praticada por discípulos, em seus exercícios, pelos mestres, para a difusão das obras, e finalmente por terceiros, meramente interessados no lucro. (BENJAMIN, 1987, p. 166)

Duas problematizações surgem a partir de Benjamin (1987) e ao adentrarmos o MLP: a primeira se refere ao fato de que, por ser um museu público, a arte que ali é alocada não visa ao lucro e o segundo aspecto se dá na materialização da própria língua (imaterial) em obra de arte (material). Porém, que tipo de obras de arte estamos falando quando o MLP não traz, por exemplo nenhum livro? Como os frequentadores

² <https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ>

veem a estética visual altamente tecnológica do MLP? Os conteúdos apresentados são as obras de arte do Museu? As experiências com a língua dentro do museu surgem a partir de interações com exposições multimodais (acústicas, visuais, táteis) que usam tecnologias audiovisuais e convidam o público para interagir.

O museu tem três pavimentos: os pavimentos do segundo e terceiro andares abrigam a exposição permanente enquanto o pavimento do primeiro andar hospeda as exposições temporárias. No fim de 2022, inaugurou a exposição de Línguas Indígenas “Nhe'ë Porã: Memória e Transformação”³, no espaço temporário, como um marco da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2032). Neste artigo, buscamos compreender como as exposições dialogam em torno da presença do corpo tanto dos visitantes do museu como dos “corpos que falam” exibidos nos pavimentos, a relação entre língua e memória, língua e poder e língua e espírito. A pergunta que buscamos compreender é: Qual imagem ou ideia de nação emerge a partir da exposição sobre a língua portuguesa e as línguas indígenas?

Para responder a essa grande questão, desenvolvemos cinco seções neste texto: a primeira, descreve, valoriza e destaca a linguagem inclusiva e a acessibilidade de corpos no espaço do museu. O museu, como um espaço público e democrático, deve garantir o acesso à informação e à cultura através da inclusão de corpos com deficiência e da oportunidade de vivenciar o espaço cultural; na segunda e terceira seções, com foco epistemológico, discutimos a exposição permanente, propondo um passeio pelas ruas, praças e becos do museu e suas instalações em forma de árvores, famílias e raízes etimológicas; a quarta parte do texto focaliza a exposição temporária “Nhe'ë Porã: Memória e Transformação” em que discutimos perspectivas sobre a língua portuguesa a partir das epistemes dos povos indígenas e quilombolas. Nestas seções, apresentamos diversos aspectos positivos e necessários para o conhecimento popular da Língua Portuguesa (LP) brasileira ao mesmo tempo em que problematizamos a visão de língua trazida pelo museu. A quinta e última seção discute uma prática pedagógica e cultural, com base na educação linguística em língua inglesa, realizada no MLP com nossos alunos da Universidade de São Paulo, por meio do projeto LEUSP – Language Education at USP, em 2022. O objetivo é encerrar com um movimento autocrítico em que mostramos o desafio de, na práxis, discutir as

³ <https://nheepora.mlp.org.br/>

noções de língua com os nossos estudantes ao mesmo tempo em que propomos a aprendizagem e a educação por meio da língua.

1. TRAZER O CORPO DE VOLTA: O MUSEU DA LÍNGUA E A LÍNGUA INCLUSIVA DO MUSEU

Uma visita no site do museu já destaca o princípio da acessibilidade que fica evidente na visita presencial, também, pois informa que “O Museu da Língua Portuguesa é acessível para todos os públicos. Contamos com rampas, pisos podotáteis, banheiros adaptados, recursos de acessibilidade no espaço expositivo e equipes treinadas para receber todos os visitantes”⁴. O museu oferece uma variedade de opções de acessibilidade: um ambiente virtual que permite navegação com recursos táteis e audiodescrição e navegação para crianças, videoguia em Libras apresentado em monitores de vídeo localizados nos painéis curatoriais, videoguia para crianças com uma animação que apresenta o museu e suas instalações em uma linguagem para crianças, jogos multissensoriais, como o jogo “As vibrações das línguas do Mundo” e jogos táteis como “A linha do tempo” que reúne uma seleção de objetos e imagens disponíveis para o toque, e jogos sonoros, como “Nós da Língua”. O museu oferece ainda terminais de consulta com recursos de audiodescrição e LIBRAS nas instalações “Nós da Língua” e “Influências da Língua”, maquete tátil do edifício, relevos táteis das instalações e vídeos com audiodescrição e janela de LIBRAS⁵.

Dentro do museu os corpos se tornam agentes da construção do conhecimento. O museu se constitui por instalações que usam tecnologias audiovisuais e convidam as/os visitantes a interagirem com este mundo virtual: sentar em frente das telas e navegar, ouvir as gravações, assistir aos vídeos, jogar e interagir com os diferentes jogos digitais, tocar as instalações com relevo e se responsabilizar pelos sentidos que constrói dentro da exposição.

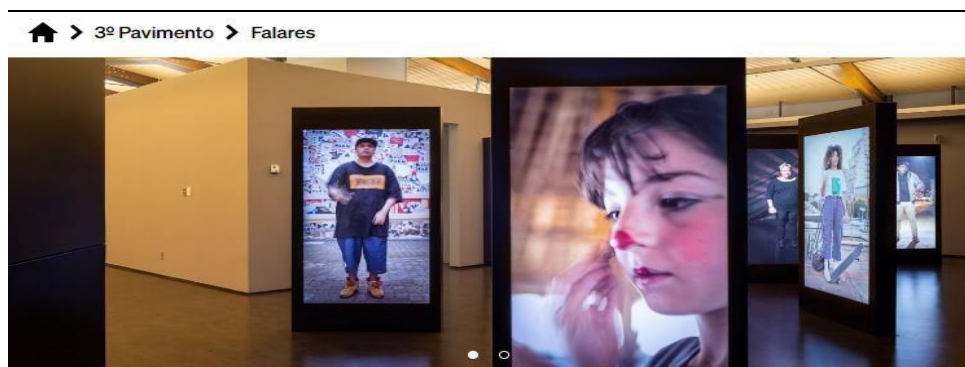
A exposição “Falares”, no terceiro andar, abre a visita com nove telas verticais dispostas no espaço onde são projetados corpos de tamanho natural falando a língua portuguesa e mostrando como a língua se expressa a partir dos corpos nos diferentes

⁴ <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>

⁵ www.transparenciacultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Doc.-6-Sistema-de-Acessibilidade.pdf

territórios brasileiros. Esta relação entre corpos e línguas nos lembra da exigência de Souza (2019) de “trazer o corpo de volta” não somente nas pesquisas que realizamos sobre línguas, mas também no nosso senso comum sobre a performatividade da língua.

Fig. 1 - Exposição “Falares”



Fonte: Site oficial do museu (2021)

A exposição permanente se torna uma experiência sensorial através dos recursos digitais interativos que permitem uma vivência da língua portuguesa dentro do museu. Porém, neste artigo, gostaríamos de fazer uma leitura do museu a partir da perspectiva dos Letramentos e da Linguística Aplicada Decolonial. A exposição permanente, uma parceria entre o setor público e o privado, que conta com contribuições de especialistas em Língua Portuguesa, se baseia em concepções que de certa forma ignoram epistemologias não antropocêntricas sobre o que é língua (KOHN, 2013). Por exemplo, em vários momentos de atividade interativa é destacada a excepcionalidade humana por ser o único animal que “tem” língua e por isso se diferencia dos outros animais e seres vivos. A esse respeito, diversas pesquisas têm nos convidado a repensar essa tal superioridade humana em que nos colocamos como os únicos seres que desenvolveram linguagem e línguas (KRENAK, 2020; KOPENAWA, 2015; BATISTA, 2021), certamente adquirida por meio de muita destruição (HARARI, 2017). A esse respeito, dialogamos com Batista (2021, p. 607):

Somos quase 8 bilhões de pessoas vivendo juntas no mesmo espaço: a superfície do planeta. Não há outro lugar para onde ir, pelo que sabemos. No entanto, enquanto espécie, a nossa relação com a Terra tem sido, durante séculos, de exploração e espoliação, o que indica que,

como seres vivos, temos agido de forma completamente diferente de todos os outros. Nosso espaço comum é habitado por várias espécies, mas nossa espécie é a única que destrói⁶.

E, especificamente sobre línguas e linguagem, corroboramos novamente com a autora:

Segundo Harari (2018), Ribeiro (2019) e Worthy (2008), entre outros, a razão essencial da superioridade humana sobre os demais seres vivos é a capacidade de usar a linguagem simbólica, que nos concedeu memória, crítica, intenção, e deixou melhorar nosso desempenho na Terra. A capacidade de criar narrativas e, em última análise, de acreditar na mesma narrativa e cooperar para seguir seus princípios é, segundo Harari (2018), o elemento mais importante para nossa superioridade⁷. (BATISTA, 2021, p. 613)

Ainda, apesar de a visita começar com a exposição “Falares” que mostra o direcionamento para as oralidades, propondo uma valorização da diversidade linguística no território brasileiro e uma visão democrática, ao mesmo tempo, emerge uma perspectiva hierárquica das diferentes manifestações de língua em diálogo com a exposição “Praça da língua”, que dá destaque à poesia e à prosa como expressões linguísticas de prestígio em relação aos falares das diferentes regiões do Brasil, canções e outras expressões languageiras.

2. AS RUAS, PRAÇAS E BECOS DA LÍNGUA: OS CORPOS E AS LÍNGUAS QUE OCUPAM A CIDADE

No próximo espaço “A praça da língua” são projetadas imagens no teto acompanhadas pela leitura de poesias em português de nomes consagrados na literatura brasileira. Fica evidente neste momento que as categorias que organizam a exposição surgem de epistemologias dominantes sobre língua:

⁶ We are almost 8 billion people living together in the same space: the surface of the planet. There is no other place to go, as far as we know. However, as a species, our relationship with the Earth has been, for centuries, one of exploitation and spoliation, which indicates that, as living creatures, we have been acting completely different from all the others. Our common space is inhabited by several species, yet our species is the only one that destroys.

⁷ According to Harari (2018), Ribeiro (2019) and Worthy (2008), among others, the essential reason for the human superiority over other living creatures is the ability to use symbolic language, that bestowed us memory, critique, intention, and let us improve our performance on earth. The ability to create narratives, and, ultimately, to believe in the same narrative and cooperate to follow its principles, is, according to Harari (2018), the most important element for our superiority

Os temas se dividem no que nós formulamos como dois grandes eixos, quais sejam, o linguístico e o literário: ou as exposições ressignificam o pré-construído do cânone, de grandes autores e obras da literatura brasileira e portuguesa, aqueles que são aceitos e ensinados e que todos devem conhecer, ou tratam de questões de e sobre a língua, como influências entre línguas e certo e errado, temas esses que também recuperam uma noção de língua em funcionamento no/pelo senso comum. (CERVO, 2013, p.180)

O senso comum monolíngue sobre línguas não enxerga as relações hierárquicas que as sociedades estabelecem entre as línguas que circulam no território nacional e entre os corpos que falam as línguas. Questões de poder estão sempre presentes quando usamos línguas: Quem fala qual língua? A quem pertence a praça na exposição “Praça da língua”? Com certeza não às mulheres que pouco ouvimos às vozes delas (com exceção da Clarice Lispector) nos textos que são recitados, ou de cidadãos negros ou de mulheres ou homens trans. Falta representatividade linguística na Praça urbana do museu e uma abertura para as epistemes ou para os conhecimentos e línguas dos sujeitos que historicamente sofrem opressões.

Fig. 2 - Exposição “Praça da língua”



Fonte: Site oficial do museu (2021)

O segundo pavimento é ocupado pela exposição “Língua da rua, rua da língua”, que constitui um Objeto Digital de Aprendizagem (ODA) desenvolvido pelo Museu de Língua Portuguesa, e se concretiza com uma tela de mais de 100 metros de comprimento que apresenta fragmentos de poesia visual e sonora. Nela, há uma projeção de “poesias-relâmpago” que apresentam o dinamismo da língua portuguesa. A tela se transforma em paredes, muros, faces de edifícios, jornais e tantos outros

suportes em que a língua surge nas cidades, na fala de todos os dias, nos provérbios e canções⁸.

A proposta desta exposição que pode ser acompanhada pelo Caderno do Professor, desafia os estudantes que visitam o museu a lerem as “paisagens linguísticas” (SHOHAMY; GORTER, 2009, p. 1) de suas ruas e bairros ou “as palavras e as imagens exibidas e expostas em lugares públicos” que os estudantes frequentam. Assim, as múltiplas linguagens que nos cercam nos espaços que a gente circula emergem a partir da valorização das linguagens em espaços públicos, plurais e supostamente democráticos.

Fig. 3 - Exposição “Língua da rua, rua da língua”



Fonte: Site oficial do museu (2021)

Outra atração interativa é o “Beco de palavras” que tem um jogo interativo em cima de três mesas de alturas diferentes com sensores de movimento onde são projetadas partes de palavras que podem ser manipuladas e acionam vídeos que apresentam informações etimológicas, significados de palavras e as raízes das palavras. A palavra, assim, se torna o centro da pesquisa sobre línguas, seguindo uma tradição filológica, normativa e prescritiva. A gramática e a lógica da língua se tornam o epicentro da pesquisa sobre o funcionamento das línguas. A língua nesta concepção parece dotada de vida própria, se comportando como um organismo vivo, abstrato que pode ser teorizado sem atribuir corpos as línguas. Criam-se, desta maneira, metalinguagens sobre línguas, que poucas bocas com línguas físicas podem usar.

⁸ <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oda/oda-lingua-da-rua-rua-da-lingua/>

Fig. 4 - Exposição “O beco das palavras”

Fonte: Site oficial do museu (2021)

A abordagem das línguas a partir do destaque atribuído às palavras, suas origens, suas funções morfológicas, semânticas e sintáticas é comentada por Nunes (2013):

É o caso da menção à etimologia e às evocações da linguística histórica que se depreendem de marcas como “raiz portuguesa”, “árvore”, “organismo vivo”, “mudança”, “palavra”. Sendo a palavra a unidade fundamental da linguística histórica do século XIX, percebe-se que essa memória é vivamente atualizada no discurso do MLP, visto que a palavra é a unidade mais recorrente nos painéis e nas apresentações durante a visita. (NUNES, 2013, p. 208)

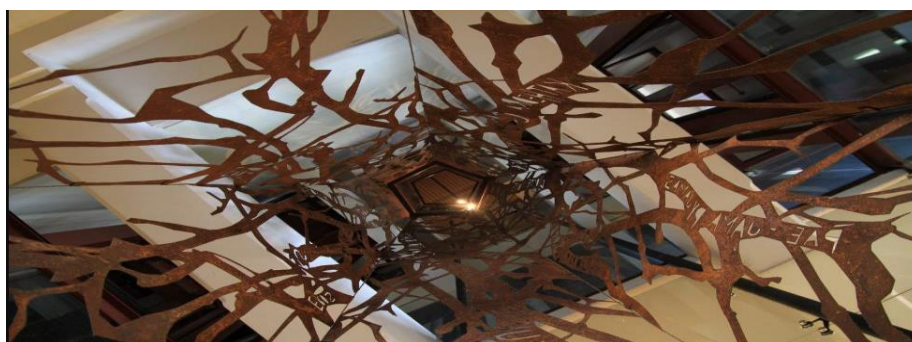
As imagens e os sons das línguas que ocupam as ruas, becos e praças são concebidos no Museu de Língua Portuguesa a partir de noções muito caras à Linguística Estruturalista que distingue *langue* (a língua) from *parole* (a fala) (SAUSSURE, 1969) e privilegia literatura em comparação à língua (como se literatura não fosse língua) e da Linguística Histórica que procura criar uma historicidade una e linear de línguas criando raízes, árvores, famílias, línguas irmãs e genealogias de línguas tendo como foco sempre a palavra. Ao mesmo tempo, o museu tenta mudar constantemente o foco dos usos da língua aos usuários de língua junto com suas variedades de sotaques e expressões.

3. ÁRVORES, FAMÍLIAS, RAÍZES E GENEALOGIAS DE LÍNGUAS

Ao entrar no museu, percebe-se que os três andares do museu são interligados

pela escultura de ferro em forma de árvore esculpida com palavras ao longo do caule. A escultura leva o nome “Árvore das palavras” e foi criada pelo arquiteto e designer Rafic Farah e tem palavras cravadas nas raízes, no tronco e nas folhas: “em suas raízes, palavras escritas em grego, latim, tupi e outros idiomas; em seu tronco, as palavras como usadas no português atual; e, na copa, no lugar das folhas, é possível descobrir os objetos nomeados por essas palavras”⁹.

Fig. 5 - Exposição “Árvore das palavras”



Fonte: Site oficial do museu (2021)

A exposição temporária “Nhe'ë Porã: Memória e Transformação”¹⁰, que abriu no fim do ano de 2022, parece que repete este imaginário arbóreo de línguas enquanto promove uma visão multilíngue do território nacional brasileiro. Logo no início do trajeto, o público é informado que apesar dos brasileiros acreditarem que vivem em um país monolíngue, o Brasil é na verdade uma nação multilíngue com mais de 175 línguas indígenas faladas por indígenas pertencentes a 305 etnias diferentes. Muitas destas línguas indígenas que sobreviveram à colonização portuguesa (estima-se que 1000 línguas indígenas eram faladas no Brasil antes dos portugueses chegarem) estão ameaçadas de extinção. O nome da exposição expande noções de língua enraizadas na racionalidade e na linearidade e atribui espiritualidade e poder às línguas:

O próprio nome da exposição que vem da língua Guarani Mbya, composto a partir de duas palavras: Nhe'ë significa espírito, sopro, vida, palavra, fala; e porã quer dizer belo, bom. Juntos, os dois vocábulos significam “belas palavras”, “boas palavras” – ou seja, palavras sagradas que

⁹ <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicao-principal/>

¹⁰ <https://nheepora.mlp.org.br/>

dão vida à experiência humana nesta terra¹¹ (MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA, [entre 2022 e 2023]).

As línguas indígenas do Brasil e suas famílias linguísticas são assemelhadas às árvores de uma grande floresta no texto que acompanha a sessão “Cada língua, um mundo” da exposição temporária. A apresentação categoriza as línguas indígenas em línguas isoladas e línguas de contato. A oralidade para os povos indígenas é destacada nas telas interativas nesta sessão e é apresentada como um elemento cultural central. Porém, com a Constituição de 1988, que deu acesso a uma educação escolar indígena intercultural, multilíngue e específica, os povos indígenas buscam fortalecer as suas culturas a partir de ferramentas como a escrita. Para esse fim, a maioria das línguas indígenas faladas no Brasil usam o alfabeto latino para desenvolver um sistema de escrita. Observamos uma tendência de entender a escrita de forma grafocêntrica e universal enquanto muitas pesquisas foram desenvolvidas sobre a escrita de diferentes povos indígenas brasileiros, como os Kashinawa (SOUZA, 2001; 2002), que demonstram a importância da escrita de textos multimodais como forma de conhecimento local, uma vez que textos com somente escrita alfabética não são considerados textos propriamente dito.

Fig. 6 - Exposição “Cada língua, um mundo”



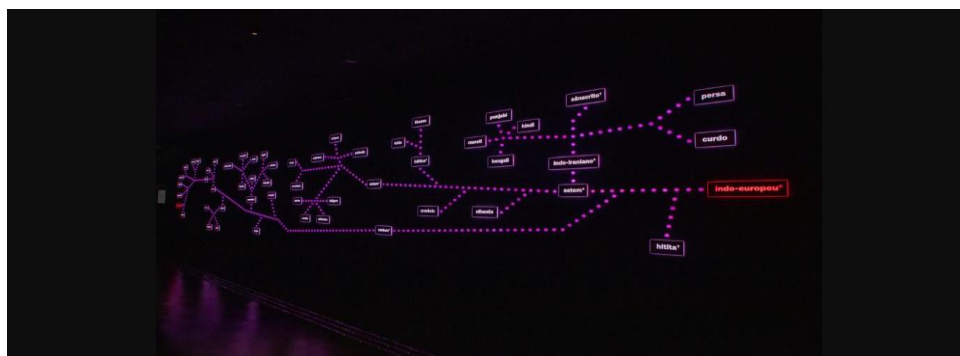
Fonte: Site oficial do museu (2022)

As metáforas da família e da árvore de línguas nos acompanham ao longo do trajeto dentro do museu. A exposição “Laços de família”, com várias placas luminosas, interligadas por linhas de ponto de luz que acendem ou apagam, em cima de uma

¹¹<https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/nhee-pora-memoria-e-transformacao/>

parede cinza nos lembra uma árvore horizontal. Nas placas, que criam uma árvore deitada, com tronco e vários ramos, estão gravados nomes de línguas. O organograma ou árvore horizontal mostra os antepassados e os parentes da língua portuguesa e configura suas línguas irmãs que têm vocabulário e estruturas gramaticais semelhantes. As imagens de famílias linguísticas, descendentes de uma língua ancestral que na sua historicidade reconstruída como linear criam troncos, árvores e ramos, recriam as metáforas evolucionistas dominantes no imaginário das epistemologias monolíngues.

Fig. 7 - exposição “Laços de família”



Fonte: Site oficial do museu (2021)

No segundo pavimento, cujo nome é “Viagens da Língua”, é também contada a história da língua portuguesa a partir das dimensões temporal e territorial. Numa perspectiva temporal, o museu apresenta uma linha de tempo da “evolução pacífica” da língua portuguesa reconstruindo, assim, uma possível historicidade da língua baseada na vertente da Linguística Histórica que olha para a linguagem em retrospectiva. Desta maneira, uma visão una e homogênea da genealogia e da historicidade da língua portuguesa surge da linha do tempo do Português do Brasil. Ainda o nome do pavimento traz a conotação que a língua portuguesa viajou pelo mundo de forma turística, tranquila e serena criando, por adesão, o mundo lusófono. Violências em relação às línguas que entraram em contato com o português, como a atribuição do status de “gíria” às línguas indígenas até a constituição de 1988, não surgem.

Fig. 8 - Exposição “Português do Brasil”

Fonte: Site oficial do museu (2021)

Embora marcadamente visual e muito bem organizada no espaço-tempo e, ainda, diversa, esta parte de exposição, a nosso ver, mantém a visão de que a língua pertenceu e pertence a uma parcela da população: são muitos os exemplos de que a língua portuguesa é mormente vista como a língua do colonizador e essa visão se confirma por meio da (novamente interessante e diversa) exposição O Beco das Palavras, em que informações etimológicas mostram as raízes da língua portuguesa são apresentadas em outra linha do tempo. Ao encerrarmos esse caminhar pelos dois andares da exposição temporária, reconhecemos o enorme esforço epistemológico e estético para ofertar à população a história da língua portuguesa. Para avançarmos nas discussões, pensamos que a importante discussão sobre o tripé língua-cultura-território, criticada por Hall e tantos outros autores críticos ao projeto da modernidade (Lyotard, Latour, entre outros), poderia ter sido uma opção decolonial importante do MLP. Nossa intenção é expandir as discussões e com isso, ofertar a possibilidade de pensarmos que a imposição de UMA língua, UMA cultura e UM território foi e é um projeto basilar da modernidade. Com esse projeto tão “perfeito” e bem pensado, que é a modernidade, estados-nações colonizados (e colonizadores) praticamente extinguiram e massacraram a diversidade linguística, a diversidade cultural, em nome do estabelecimento da nação demarcada em um território: Quantas guerras e mortes foram necessárias para que este projeto moderno se concretizasse? Por que acreditamos que falamos uma língua, temos uma cultura e habitamos um território? O que restou das línguas indígenas do nosso país? Ficaram para os museus? Seguimos para a próxima seção do MLP, que apresenta as línguas indígenas.

4. Rios e florestas: O Brasil das línguas indígenas existe?

Fig. 9 - Nhe'ë Porã: memória e transformação



Fonte: Site oficial do museu (2022)

Enquanto o MLP celebra e valoriza a diversidade linguística e cultural no território Brasileiro abrindo as celebrações da Década Internacional das Línguas Indígenas (2022-2023) com a exposição “Nhe'ë Porã: Memória e Transformação”, com concepção e curadoria da artista e educadora indígena Daiara Tukano, a mídia brasileira explode com a “notícia” que o garimpo ilegal na Terra Indígena Yanomami está causando uma tragédia humanitária: “A área, que ocupa partes dos estados de Roraima e Amazonas, é marcada por garimpo ilegal de ouro e cassiterita, violência sexual de mulheres e crianças, ameaças de morte e desestruturação dos postos de saúde.”¹² Nas palavras do geógrafo e analista do Instituto Socioambiental (ISA) Estevão Senra, a Terra Indígena Yanomami “é palco de uma das maiores tragédias humanitárias que estão ocorrendo no Brasil. Os dois vetores principais dessa crise são o avanço do garimpo ilegal e a má gestão do distrito sanitário, que se entrelaçam e vão se realimentando” (Agência Câmara de Notícias). O desmatamento, a contaminação dos rios por mercúrio, a malária, a desnutrição, o crime organizado, a prostituição das mulheres indígenas e os abusos sexuais dos garimpeiros são somente alguns dos problemas que as comunidades indígenas enfrentam, muitas vezes sem as providências das autoridades brasileiras. Assim sendo, são ameaçadas de extinção não somente as línguas indígenas, mas as vidas dos guardiões das

¹²<https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de-tragedia-humanitaria-dizem-especialistas/>

nossas florestas.

A exposição “Nhe'ë Porã” é circular e o trajeto proposto parece ser do “Rio de Palavras” pintado no chão da exposição. O rio aparentemente nasce a partir de uma poesia projetada em forma de nuvens e chuva na parede da sala “Floresta de muitos cantos”. No leito do rio está escrito em línguas indígenas e em português, o Poema do Rio com traduções em várias línguas indígenas: línguas Yaathe, Tikuna, Mbya, Tupi Guarani e outras. A circularidade da trajetória do rio nos lembra das palavras do pensador quilombola Antonio Bispo dos Santos que ressalta a “influência do pensamento de elaboração circular dos povos contra colonizadores” (SANTOS, 2015, n.p). Ele esclarece que as hierarquias criadas a partir do pensamento colonizador monoteísta e linear são excludentes enquanto o pensamento contra colonizador é politeísta, pluralista e circular, e percebe a circularidade dos fatos uma vez que estes povos “conseguem olhar para as suas deusas e deuses em todas as direções” (SANTOS, 2015, n. p.).

O poema revela o potencial das línguas de manter a memória viva e prever o futuro, a capacidade de fazer sonhar e curar as feridas com contos e cantos do rio. O rio que domina o espaço do trajeto dos nossos passos na exposição representa a fluidez e a relação entre memória, uma vez que as águas têm memória, e transformação.

Refletimos sobre a exposição das Línguas Indígenas a partir de três pensadores: Antônio Bispo dos Santos, mestre quilombola que nos ensina sobre a cosmovisão politeísta e os processos de confluência e transfluência, Davi Kopenawa Yanomami, liderança indígena Yanomami, ativista e xamã que considera a língua portuguesa perigosa e Aílton Krenak, líder indígena, ambientalista e filósofo que caracteriza a língua portuguesa como “comilona”.

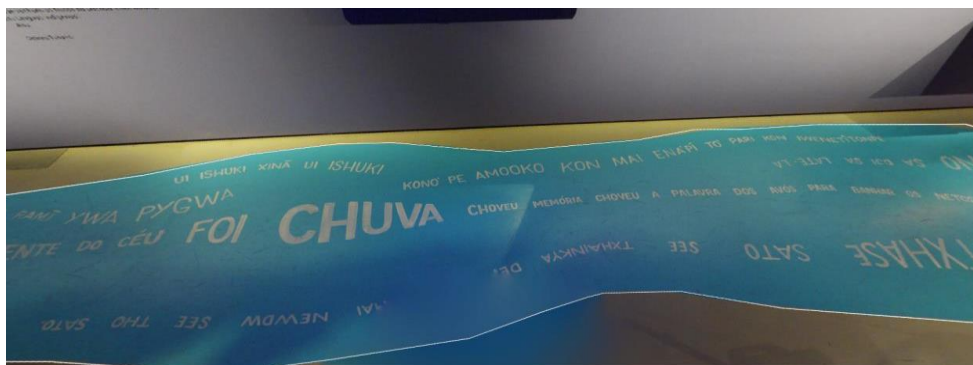
A representação do rio, que surge com a chuva da água que evapora, com as línguas indígenas nas beiras e a língua portuguesa no centro, nos leva a interpretar que há uma confluência entre a língua portuguesa e as línguas indígenas e uma transfluência entre as águas dos rios na África e no Brasil. Antônio Bispo dos Santos (2015, p. 89), também conhecido como Nêgo Bispo, acredita que “confluência é a lei que rege a relação de convivência entre os elementos da natureza e nos ensina que nem tudo que se ajunta se mistura, ou seja, nada é igual”. A lógica cosmovisiva politeísta busca uma relação respeitosa, orgânica e biointerativa com todos os

elementos vitais transformando “as nossas divergências em diversidades, e na diversidade atingirmos a confluência de todas as nossas experiências” (n. p.).

Entretanto, Bispo defende que as línguas e epistemologias quilombolas e indígenas sobrevivem ao assalto da língua nacional e dominante por causa da transfluência. Numa entrevista, Nego Bispo (DORNELES, 2021) explica que a transfluência nos mostra a força que as águas têm e a capacidade de superar obstáculos e transfluir misturando as águas de um rio no Brasil com as águas de um rio na África:

através da evaporação as águas transfluem nos oceanos, ou através do subsolo, por baixo dos próprios oceanos. Então a água tem essa grandeza de transfluir através dos vapores, transfluir através da infiltração ou transfluir rompendo paredões. Ou seja, a força das águas é uma força que está em tudo, e assim está em todas as vidas, porque a água está em todos os lugares. (DORNELES, 2021, p. 17)

Fig. 10 - Trajeto “O Rio de palavras”



Fonte: Site oficial do museu (2022)

A coexistência das diversas línguas indígenas com o português, a língua nacional dominante no Brasil, dentro do rio não dá destaque a imposição da língua portuguesa ou ao silenciamento das línguas indígenas ou a resistência dos povos indígenas ao linguicídio. Mas os povos guardam na sua memória os cantos e em muitos casos, como este dos povos Pataxó, foi a língua que foi usada com os agentes do governo como prova que ainda tem indígenas em certos territórios, como no Monte Pascoal. Os povos originários, em muitos casos, perderam a língua (ou deixaram de a praticar) não somente por causa do contato com o homem branco colonizador, mas também por causa do preconceito e da discriminação. A retomada e a revitalização linguística são acompanhadas pelo fortalecimento cultural e juntos podem levar a

língua ameaçada a ocupar o espaço do seu território.

Língua surge, assim, como território na exposição, o território da floresta das línguas indígenas. A luta pela língua emerge como luta pela terra. Os totens que representam as diferentes famílias arbóreas das línguas indígenas faladas no Brasil permitem uma experiência acústica com a sonoridade das línguas indígenas irmãs da mesma família. Um compilado das línguas indígenas das florestas do território brasileiro nos espera na instalação artística “Floresta de muitos cantos” com árvores e pássaros de diferentes espécies. Ao som dos pássaros, os vários totens/árvores convidam a uma experiência linguística acústica das línguas Tupi, Tukano, Yanomami, Tikuna-Yuri e uma variedade enorme de outras línguas indígenas que se constituem como patrimônio cultural brasileiro e nos ensinam muito através de seu ativismo e resistência ao apagamento causado pelo colonialismo, racismo e capitalismo. A metáfora de território é usada para representar o que é língua para os povos indígenas: territórios de memória, de pensamento e de espiritualidade como é demonstrado durante a visita à exposição temporária.

Fig. 11 - Exposição "Floresta de muitos cantos"



Fonte: Site oficial do museu (2022)

Neste artigo valorizamos a palavra verbal e não escrita tanto quanto a palavra escrita. Por isso, trazemos aqui as palavras de dois ativistas indígenas importantes para entendimento do pensamento indígena. Davi Kopenawa numa palestra¹³ que deu no canal do Museu de Língua Portuguesa em maio de 2022 e é exibida numa tela

¹³<https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ>

digital interativa na exposição, caracteriza a língua portuguesa como língua perigosa. Nas palavras do líder Yanomami:

Os portugueses detestaram a língua dos povos originários e falaram “Não falem nesta língua. Falem em nossa língua portuguesa”. Os habitantes da floresta ficaram confusos. Não sabiam se falar o português seria bom para eles ou não...A língua de vocês é doce e mesmo esta aparente doçura, esta língua também é como uma epidemia. Falam bonito, mas querem acabar com a nossa voz. (KOPENAWA, 2022, informação verbal)

Kopenawa compara a língua portuguesa com Gillette e nos ensina que a língua portuguesa pode ser útil, mas leva ao esquecimento das línguas da floresta, acaba com os diálogos do ouvinte, as curas xamânicas, os cantos. A colonização destruiu as falas dos povos da floresta porque a língua portuguesa se move com ímpeto. As palavras dos brancos são doces, como caldo de cana, como xarope, saborosas:

Vocês as ensinam, ensinam suas letras, e assim os filhos dos povos da floresta deixam de pensar em sua própria língua. Ao aprender a língua portuguesa é perigoso perder a sua língua materna. A língua portuguesa, apesar de importante, é uma mistura de muitas outras línguas. Aprendemos português para podermos defender a nossa terra-floresta, poder defender o direito a nossa vida. Os jovens aprendem português para que possam redigir documentos, documentos de denúncia, conversar com autoridades, dialogar, conversar com advogados. (KOPENAWA, 2022, informação verbal)

Fig. 12 - Exposição “Lute”



Fonte: Arquivo pessoal (2022)

Aílton Krenak, um dos representantes mais ativos dos povos da floresta, julga que a língua portuguesa tem uma dose de veneno e ela se torna ameaçadora em relação às línguas indígenas uma vez que como língua nacional e dominante se torna uma ferramenta de dominação, uma máquina de colonização. Nestes trechos dos depoimentos dos representantes dos povos indígenas, outras imagens sobre

significados atribuídos às palavras língua e linguagem são desenhadas além do discurso das árvores, famílias e becos. A língua portuguesa, como uma língua nacional, dominante, imperial e colonizadora é Gillette, é vírus que se espalha matando e sequestrando outras línguas. Estas relações de poder pensadas a partir das vozes das comunidades marginalizadas devem surgir no espaço do museu levando a uma partilha do sensível (RANCIÈRE, 2005) que constrói significados outros.

5. MOVIMENTOS AUTOCRÍTICOS: ANÁLISE DE UMA VISITA AO MLP

Nesta última seção, optamos por discutir, num movimento autocrítico, uma atividade coordenada por um dos autores deste texto e realizada com estudantes de graduação da Universidade de São Paulo (USP). A visita ao MLP foi guiada pelo coordenador da AUCANI¹⁴ Idiomas junto aos professores de inglês da mesma instituição. O objetivo da visita foi ofertar aos estudantes de língua inglesa a possibilidade de uma experiência linguístico-cultural no museu. Em anexo, segue a atividade na íntegra. Aqui, discutimos algumas das atividades propostas, a partir das discussões realizadas ao longo deste texto. Iniciemos com a introdução da atividade, que apresenta as orientações para a visita:

Quadro 1 – Orientações para a visita

- You can tour around with a friend, in pairs or in a group (never alone);
- Always go back to your teacher (event teacher) for questions;
- Please speak English ALL the time!
- Read the instructions to your group
- At the end, find your teacher.

Fonte: Elaboração dos autores (2022)

O nível linguístico do grupo que seguiu com essa atividade era o que denominam *intermediate/Upper intermediate*. Salta aos olhos o terceiro item em que os

¹⁴AUCANI: Agência USP de Cooperação Acadêmica Nacional e Internacional. Site: <http://internationaloffice.usp.br/>

coordenadores sugerem que os alunos falem inglês o tempo todo. Ao reforçar a visão tradicional e histórica de que se aprende uma língua estrangeira (no caso, a língua inglesa) somente em contextos de 100% de contato linguístico com a L1, as instruções da visita mostram, intrinsecamente, a visão de língua. Entendemos que esse tipo de orientação/exigência (também em aulas de LI) é uma tradição/visão advinda dos anos 80 e que ganhou força com as abordagens/metodologias comunicativas de ensino de línguas. Entendemos, ainda, que o rico plurilinguismo e as possibilidades de práticas translíngues são eliminadas dessa prática social com a língua. O resultado pode ser devastador ao estudante: ficar calado por não “conseguir” falar o tal 100% do tempo em LI, o aluno que se sente preparado pode dominar a visita e falar em nome de todos, entre tantos outros aspectos que favorecem o monolinguismo e negligenciam a pluralidade (ou seja, propusemos, nesta atividade, exatamente o que vimos criticando ao longo das seções anteriores deste texto).

A segunda atividade reforça a visão de língua como algo único, fixo, a língua do estado-nação:

Quadro 2 – Atividade 2

Activity 2 – Find “Rua das Línguas” (Street of Languages). It is a big and long screen on the left of a long corridor:
In pairs or in your group:

Walk along the corridor
Pay attention to the images, words and sounds!
As you walk (in pair or with the group) start a conversation about the images
Finally, translate three words into English (words you DID NOT know, you can check any online dictionary)

Fonte: Elaboração dos autores (2022)

Embora reconheçamos que as atividades de tradução são extremamente importantes para os estudantes de línguas (que aliás, questiona a prática anterior de se comunicar 100% na língua alvo) e, apesar de a atividade propor uma prática multimodal ou visual (*Pay attention to the images, words and sounds*), reconhecemos que muito pouco (ou quase nada) se propõe sobre criticidade, contexto sócio-histórico ou cultural, ou seja, a atividade se encerra com a mera tradução de 3 palavras do

português para o inglês: traduzi-las para quê? Nas seções um e dois defendemos que as línguas (linguagens) têm corpos, são expressadas por meio deles, elas têm contexto, têm história. Nessa atividade, prevalece o senso comum sobre línguas, o qual não enxerga as relações hierárquicas que as sociedades estabelecem entre as línguas que circulam no território nacional e entre os corpos que falam as línguas. Questões de poder estão sempre presentes quando usamos línguas: quem fala qual língua? A quem pertencem as palavras traduzidas? Por que foram escolhidas? Quem as traduziu e por quê? Por que estávamos na Rua das Línguas? Que rua é essa? Quem pode transitar nela e com que língua(s)?

Como pode ser verificado na atividade em anexo, há outras atividades, que incluem mais traduções, caminhadas, com focos linguístico e cultural. Encerramos, entretanto com uma atividade que, em nossa análise, trouxe uma visão mais crítica sobre língua e linguagem:

Quadro 3 – Atividade 3

Activity 3 –

- Individually, choose one or two languages, stay close to the totem and listen for a while
- Then, go back to your group, and talk about
 - Did you understand the language(s)?
 - What are your impressions of the language(s)?
 - What did you learn with this experience?

Fonte: Elaboração dos autores (2022)

A atividade é realizada inicialmente de forma individual e depois o estudante se junta ao grupo para discussão. Nela, entendemos que as três perguntas proporcionaram algum posicionamento (subjetivo) dos estudantes. Foi a única atividade que convidou os estudantes a se posicionarem em relação ao que estavam vendo. Inspirados em Biesta e nas pesquisas de Fortes e Ferrari (2021), defendemos que a subjetividade de nossos estudantes deve e pode ser afluída nas aulas de línguas, pois trata-se de uma dimensão praticamente esquecida em nome da aprendizagem com foco nas habilidades. Esquece-se, como vimos demonstrando, que essa língua habita um corpo e que esse corpo habita uma ou muitas línguas e

linguagens. Pensamos, ainda, que a discussão da experiência com essa visita poderia ter proporcionado, inclusive, visões críticas sobre o MLP e as suas exposições, conforme discutido nas quatro primeiras seções deste artigo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao encerrar esta reflexão, de modo algum propusemos a desvalorização do MLP, de sua curadoria, de sua importância e de sua boniteza (tanto é que temos projetos linguístico-culturais de visitas semestrais ao Museu!); ao contrário, buscamos expandir e problematizar as noções de línguas e linguagens ali colocadas. Por isso decidimos incluir uma última seção em que realizamos um movimento autocrítico e mostramos que em nossa visita ao MLP, junto aos nossos alunos, propusemos as mesmas noções de línguas e linguagens que vimos criticando. Esse movimento é revelador: ele nos mostra como a modernidade e seu projeto colonizador de estado nação (uma língua, um território e uma cultura) veio para ficar e é muito difícil de ser questionado. No caso das línguas indígenas, conforme ressaltamos, não basta reconhecê-las apenas como línguas: é preciso que vejamos os corpos que as habitam, os que tentaram e ainda tentam extingui-las, os que ainda as colonizam e hierarquizam.

Nomear o museu de Língua Portuguesa dentro do território brasileiro representa uma política linguística que reivindica como patrimônio brasileiro a língua do colonizador. A expressão popular “Você fala brasileiro?” não foi ouvida quando esta instituição de memória sobre a língua adquiriu o seu nome:

Este não se apresenta como uma instituição de produção de saber, como as que acabamos de citar, mas sim de “difusão” da língua, como vimos antes. Ao inserir-se entre as instituições que visam a difundir a língua e a cultura, o MLP se aproxima de outras instituições dessa natureza, entre as quais o Instituto Camões, em Portugal; o Instituto Cervantes, na Espanha e o Instituto Goethe, na Alemanha, que promovem a difusão, respectivamente, das línguas portuguesa, espanhola e alemã em outros países e continentes. (NUNES, 2013, p. 209)

O MLP tem uma arquitetura antiga que dialoga com o arquivo tecnológico do museu. A estética da virtualidade interativa convida não somente interagir com os artefatos de forma visual, como fazemos nos museus tradicionais, mas também de forma tátil, numa epistemologia de performance (MONTE-MÓR, 2009; 2012) que nos torna agentes do próprio conhecimento na cultura digital.

Os recursos tecnológicos e multimodais trazem a sonoridade das línguas e os diversos sotaques. As instalações artísticas interativas, as telas sensíveis ao toque, os fones, os sons e as experiências visuais permitem que a língua seja vivida dentro do espaço do museu mobilizando estéticas que criam sensações a partir do visual, do sonoro, do tátil e do sensível. Os títulos de cada exposição criam imagens e epistemologias sobre línguas que revelam muito

sobre o imaginário de língua que está sendo mobilizado e que nós entendemos que não foge a uma dada tradição escolar, até mesmo porque o museu, institucionalmente, é um lugar de poder que se constitui de memórias legitimadas em se tratando do imaginário de grupos ou de uma coletividade. (CERVO, 2013, p. 183)

Embora o MLP tenta se distanciar na sua exposição permanente de concepções estruturalistas de língua valorizando os falares do dia a dia, emerge ao mesmo tempo uma ideologia linguística monolíngue, normativa, gerativa e histórica. A língua literária padrão ocupa a Praça da Língua o que nos faz indagar: quais culturas desta língua são valorizadas e quais caem para a “segunda divisão”? O museu não expõe questões de racismo, de machismo e de heteronormatividade na língua desatrelando a diversidade que surge no museu de relações de poder. O prestígio político e estético de algumas variedades de língua não é questionado e as relações que a língua estabelece com religião, cultura, classe social, identidade sexual e de gênero não são debatidas. O museu, como expressão das políticas públicas de linguagem permeadas por hierarquias e discursos hegemônicos, usa construtos teóricos para embasar a exposição que ignoram as relações de poder construídas nas interações entre línguas.

Do outro lado, a exposição temporária de línguas indígenas traz concepções de língua como memória e transformação, dando importância ao fato que língua tem poder, tem espírito e o potencial de se transformar em território. A língua portuguesa, língua mais falada no Brasil, é usada pelos povos indígenas para a luta que busca a garantia de direitos de outras línguas, com menor número de falantes, e de condições de vida dignas. Estes povos sabem muito bem o que é uma língua doce e perigosa que se espalha como vírus, mas se apoderam dela para resistir ao apagamento. Encerramos este artigo com um questionamento-curiosidade: como o espaço do museu seria organizado e como ele seria recebido se levasse o nome “Museu das línguas brasileiras”?

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA USP DE COOPERAÇÃO ACADÊMICA NACIONAL E INTERNACIONAL (AUCANI). **Homepage**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <http://internationaloffice.usp.br/>. Acesso em: 10 dez. 2022.

A IDEIA de nação, com Ailton Krenak. [S. l.: s. n.], 2022. 1 vídeo (1 h 22 min). Publicado pelo canal Museu da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=C8e66OFOyPQ>. Acesso em: 06 jan. 2023.

CERVO, L. M. Musealização e tecnologização da língua no Museu da Língua Portuguesa. **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 173-187, jan./jun. 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11731/7162>. Acesso em: 11 jan. 2023.

DORNELES, D. R. Palavras germinantes: entrevista com Nego Bispo. **Identidade!**, São Leopoldo, v. 26, n. 1 e 2, p. 14-26, jan./dez. 2021. Disponível em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186>. Acesso em: 11 fev. 2023.

FORTES, L.; FERRARI, L. Agency and Subjectivity in Pandemic (Neoliberal) Times: A Duoethnographic Study. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, [s. l.], v. 21, n. 2, p. 371- 398, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbla/a/tfNRnkSRBYPFQ8phsrYpJz/abstract/?lang=en>. Acesso em: 15 jan. 2023.

HARARI, Y. N. **Sapiens: Uma breve história da humanidade**. Tradução: Janaina Marcoantonio, 26. ed. Porto Alegre: L&PM, 2017.

KOHN, E. **How forests think: toward an anthropology beyond the human**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2013.

KOPENAWA, A.; BRUCE, D. **A queda do céu**. Tradução: Beatriz Perrone-Moisés. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

MATTOS, A. M. A; CAETANO, E. A. Memória, Pós-memória e Formação Crítica de Professores de Línguas. **Línguas & Letras**, [s. l.], v. 20, n. 46, p. 167-186, 2019. Doi [http:// dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20190010](http://dx.doi.org/10.5935/1981-4755.20190010). Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/linguaseletras/article/view/21611/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MENKE, E. Terra Yanomami é palco de “tragédia humanitária”, dizem especialistas. **Agência Câmara de Notícias**, [s. l.], 2022. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/898328-terra-yanomami-e-palco-de-tragedia-humanitaria-dizem-%20especialistas/>. Acesso em: 10 jan. 2023.

MONTE-MÓR, W. Foreign languages teaching, education and the new literacies studies: expanding views. *In*: GONÇALVES, G. R. *et al.* (org.). **New challenges in language and literature**. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2009. p. 177-189.

MONTE-MÓR, W. Linguagem Tecnológica e educação: em busca de práticas para uma formação crítica. *In*: SIGNORINI, I.; FIAD, R. S. (org.). **Ensino de língua: das reformas, das inquietações e dos desafios**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. p. 171-190.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **O Museu**. São Paulo, [20--]a. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/mlp/o-museu/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Exposição original**. São Paulo, [20--]b. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicao-principal/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Sistema de acessibilidade**. São Paulo, 2019. Disponível em: <https://www.transparenciacultura.sp.gov.br/wp-content/uploads/2015/09/Doc.-6-Sistema-de-Acessibilidade.pdf>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **ODA – Língua da rua, rua da língua**. São Paulo, 2022. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/oda/oda-lingua-da-rua-rua-da-lingua/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. **Nhe'e Porã: memória e transformação**. São Paulo, [entre 2022 e 2023]. Disponível em: <https://www.museudalinguaportuguesa.org.br/memoria/exposicoes-temporarias/nhee-pora-memoria-e-transformacao/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

NHEEPORA. **Homepage**. [S. l.: s. n.], [20--]. Disponível em: <https://nheepora.mlp.org.br/>. Acesso em: 15 jan. 2023.

NORA, P. Entre mémoire et histoire: la problématique des lieux. *In*: NORA, P. (org.). **Les lieux de mémoire**. Paris: Gallimard, 1997. Tomo I. p. 7-15.

NUNES, J. H. Museu da Língua Portuguesa: instituição e discurso didático. **Letras**, Santa Maria, v. 23, n. 46, p. 203-224, jan./jun. 2013. DOI 10.5902/217614851-1733. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11733/pdf>. Acesso em: 20 jan. 2023.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Tradução: Mônica Costa Netto. 1. ed. São Paulo: Editora 34, 2005.

SANTOS, A. B. dos. **Colonização, Quilombo: modos e significados**. Brasília: INCTI; UnB; INCT; CNPq; MCTI, 2015. p. 89.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística Geral**. Organizado e editado por Charles Bally e Albert Sechehaye. Tradução: Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SHOHAMY, E.; GORTER, D. (ed.). **Linguistic Landscape: expanding the scenery**. New York: Routledge, 2008. p. 1.

SOUZA, L. M. T. M. de. Para uma ecologia da Escrita Indígena: A escrita Multimodal Kashinawá. *In*: SIGNORINI, I. *et al.* (org.). **Investigando a relação entre Oral/Escrito**. Campinas: Mercado das Letras, 2001.

SOUZA, L. M. T. M. de. A case among cases, a world among worlds: the ecology of writing among the Kashinawá in Brazil. **Journal of Language, Identity, and Education**, [s. l.], v. 1, n. 4, 2002. Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Lynn-Menezes-De-Souza/publication/236003504_A_Case_Among_Cases_A_World_Among_Worlds_The_Ecology_of_Writing_Among_the_Kashinawa_in_Brazil/links/0c96051584b5f7db21000000/A-Case-Among-Cases-A-World-Among-Worlds-The-Ecology-of-Writing-Among-the-Kashinawa-in-Brazil.pdf. Acesso em: 20 fev. 2023.

SOUZA, L. M. T. M. de. Decolonial pedagogies, multilingualism and literacies. **Multilingualism and Literacies**. **Multilingual Margins: A journal of multilingualism from the periphery**, [s. l.], v. 6, p. 1-15, 2019. Disponível em: Acesso em: 20 fev. 2023.

ZOPPI-FONTANA, M. G. Arquivo jurídico e exterioridade: a construção do corpus discursivo e sua descrição/interpretação. *In*: GUIMARÃES, E.; BRUM- DE-PAULA, M. R. (org.). **Sentido e memória**. Campinas: Pontes, 2005. p. 93-116.

APÊNDICE A – ATIVIDADE DE VISITA AO MUSEU DE LÍNGUA PORTUGUESA

| |
|--|
| <p style="text-align: center;">MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA MUSEUM DAY AUCANI IDIOMAS</p> |
|--|

(Data da realização da visita: 11/12/2022)

APÊNDICE B – GUIDELINES: INTERMEDIATE-UPPER LEVELS

- You can tour around with a friend, in pairs or in a group (never alone);
- Always go back to your teacher (event teacher) for questions;
- Please speak English ALL the time!

- Read the instructions to your group;
- At the end, find your teacher.

Enjoy your visit!

Teachers of Aucani Idiomas

Coordination

APÊNDICE C – ACTIVITIES

GO down to the 1st floor

Activity 1 – Walk around the first floor for about 5 minutes. Then, find the big video screen at the back (Palavra tem poder).



- Watch the video for 3-5 minutes
- Group conversation
- What did you see? Can you describe the scenes?
 - What did you feel?
 - What is your opinion about it?

Now, go up to the 2nd floor

Activity 2 – Find “Rua das Línguas” (Street of Languages). It is a big and long screen on the left of a long corridor:



In pairs or in your group:

- Walk along the corridor;
- Pay attention to the images, words and sounds
- As you walk (in pair or with the group), start a conversation about the images;
- Finally, translate three words into English (words you DID NOT know, you can check any online dictionary).

| Português | English |
|-----------|---------|
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |

2nd floor – Go back to the main hall, look for the yellow pillars with sounds of languages (there are many)



Activity 3 - Individually, choose one or two languages, stay close to the totem and

listen for a while; Then, go back to your group, and talk about:

- Did you understand the language(s)?
- What are your impressions of the language(s)?
- What did you learn with this experience?

NOW, go up to the 3rd floor

Activity 4 – Find the short texts on the wall or HAIKAIS poems (corridor to the right), and, in your group, choose ONE HAIKAI and translate it into English:



Activity 5 – Final activity

Finally, walk around the Museum, choose the best corner, and TAKE a PICTURE!!
(no flash)

Thank you VERY MUCH!!
Congratulations!

Sobre os autores

Souzana Mizan

Possui Pós-doutorado (2016), Doutorado (2011) e mestrado (2005) em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela Universidade de São Paulo e Graduação em Educação e Letras da Universidade de Tel-Aviv (1992). É professora adjunta de graduação na área de Língua Inglesa e suas Literaturas no Departamento de Letras da Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (EFLCH) da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e de pós-graduação no Programa de Pós-graduação em Letras da mesma instituição. Participa do Projeto Nacional de Letramentos - Ciclo 3: Linguagens, Letramentos e Decolonialidade, sediado na USP e liderado pelos Professores Doutores Daniel de Mello Ferraz e Ana Paula Martinez Duboc. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Letras Estrangeiras, atuando principalmente nos seguintes temas: educação linguística, letramentos (visual, crítico, digital), multimodalidade, pedagogia crítica e epistemologias feministas, indígenas e quilombolas.

Daniel de Mello Ferraz

Pós-doutor pela KU Leuven (Universidade Católica de Leuven, Bélgica), com pesquisa sobre filosofia da educação e filosofia da linguagem. É pós-doutor pela Universidade de São Paulo, com pesquisa focalizada em educação em língua inglesa, estudos de gêneros e sexualidades. Possui Doutorado em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês pela USP focalizado na educação de língua inglesa e novas tecnologias, Mestrado em Letras Inglês na área de Letramento Visual pela USP e Graduação em Letras-Inglês pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É professor do Departamento de Letras Modernas e do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos e Literários em Inglês da USP. Atualmente, desenvolve pesquisas nas áreas dos letramentos, letramentos visuais, estudos de língua e cultura, filosofia da linguagem e filosofia da educação. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em línguas estrangeiras modernas, educação linguística e formação docente. É pesquisador bolsista de produtividade do CNPq PQ1. Coordena o Projeto Nacional de Letramentos (USP/DGP-CNPq) e o GEELLE - Grupo de Estudos sobre Educação Linguística em Línguas Estrangeiras (USP/DGP-CNPq).